

O Mundo das Mulheres

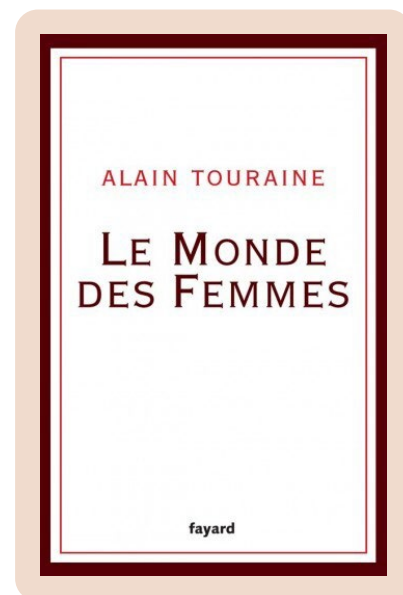
Gabriele Cipriani¹

TOURAINE, Alain. *Le Monde des Femmes*, 242 pages. Langue: Français. Éditeur: Fayard. Date de publication: 1 mars 2006. O MUNDO DAS MULHERES, 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Esta Resenha quer ser uma homenagem a Alain Touraine (3 de agosto de 1925 – 9 de junho de 2023). O sociólogo Alain Touraine morreu em Paris, em 9 de junho deste ano, na idade abençoada de 97 anos. Ele é o autor de obras importantes que traçam quase meio século de história por meio do prisma dos movimentos sociais nos quais ele descobria as sementes da democracia e uma força social humanizadora. Em 28 de fevereiro de 2006, na “Maison de la Radio”, em Paris, apresentou seu livro *Le Monde des Femmes*, que queremos resenhar pensando nos movimentos de resistência das mulheres na Ucrânia e no Irã, na África e no Iraque, e em todas as vítimas de feminicídio que mancham de sangue diariamente as cidades e os recantos do Planeta.

Da investigação sobre o movimento operário nas fábricas aos movimentos pela justiça e a liberdade na América Latina, Alain Touraine acompanhou, com suas análises sociológicas, as mudanças de um longo período de história. Em *La Conscience Ouvrière* (1966) analisou a definição que os trabalhadores se dão de sua condição, seus objetivos e os conflitos em que estão engajados. Menos de um ano depois dos acontecimentos de maio de 1968, na França, publicou o primeiro estudo crítico sobre o levante de maio: *Le Mouvement de Mai* (1968), que Touraine considerou mais um movimento social do que uma ação política. Observou com atenção o Chile na década de 1970 e em seguida o movimento Solidarnosc (grupo polonês de oposição ao governo comunista). Em *La Parole et le Sang* (1988), um grande estudo sobre a América Latina, ofereceu uma investigação política e social, analisando as dificuldades dos processos de democratização e as chances de crescimento e liberdade no continente. A modernidade com suas crises foi objeto de estudo de vários pensadores. Com *Crítica da Modernidade* (1992), a partir de um retorno às fontes do conceito de moderno e modernidade, Touraine nos convida a ouvir a voz emergente do ator humano, o sujeito, com direitos universais e em busca da liberdade. No estudo *O Fim das Sociedades* (2009), descreve o advento de uma era pós-industrial e pós-social, analisa como a decomposição do capitalismo industrial implica a criação de um outro tipo de vida coletiva e individual, baseada na defesa dos direitos humanos universais contra todas as lógicas de interesse e poder. Depois da sociedade da indústria e da exploração dos recursos naturais, a sociedade da consciência deve ser uma nova etapa da democracia.

Centrando-se nas formas de ativismo contemporâneo, com reivindicações éticas, Touraine estudou vários movimentos atuais, incluindo o movimento de mulheres e minorias sexuais. Identificado como intelectual de esquerda, Touraine não foi um intelectual orgânico, mas, como outros pensadores e também



.....

Touraine não aspira falar sobre mulheres, nem como vítimas nem como conquistadoras de sua igualdade, saindo da sombra da vida doméstica para entrar no cenário público.

.....

¹ Padre Gabriele Cipriani, assessor de Projetos do MEB, é de nacionalidade italiana, da cidade de Ceccano (FR). É Doutor em Letras pela Universidade de Nápoles – Itália; graduado em Teologia pela Faculdade Teológica da Itália Meridional e graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

partidos de esquerda, fez da democracia o principal tema de suas preocupações teóricas e a questão central de sua agenda política. Ele acompanhou a evolução das lutas feministas desde os primeiros movimentos sociais no mundo operário, a assim chamada onda marxista dos movimentos feministas.

Le Monde des Femmes (Paris: Fayard, 2006) é uma obra cujo título, pela semelhança, chama de volta o de um filme, *A Woman's World*, O Mundo é das Mulheres. Um filme de 1954, direto da Jean Negulesco, cuja trama é a história de mulheres hábeis, mas desconhecidas, gênios escondidos que vivem à sombra dos homens e aparecem a serviço da sociedade masculina.

Touraine não aspira falar sobre mulheres, nem como vítimas nem como conquistadoras de sua igualdade, saindo da sombra da vida doméstica para entrar no cenário público (p. 72), mas demonstrar que elas são criadoras de uma nova cultura, e insere O Mundo das Mulheres no amplo contexto de sua obra sociológica. Mais que um título chamativo para atrair leitores a descobrir o mundo feminino, O Mundo das Mulheres é um ensaio magistral e um livro de sociologia para todos estudarem, pois as análises apresentadas nessa obra são bem diferentes das análises que lemos em outros estudos sobre a condição e a ação das mulheres.

A abordagem tourainiana pretende definir a significação histórica da ação das mulheres e as oposições contra as quais esta ação se confronta. Envolve a superação dos valores tradicionais dominantes nas relações homem-mulher e surge da necessidade de desconstruir a relação dicotômica e vertical entre os dois universos, masculino e feminino, para chegar à construção de modelos relacionais horizontais, graças aos quais indivíduos iguais específicos gozam dos mesmos direitos. De nada serve derrubar as relações de poder, precisamos mudar os modelos de poder e tentar entender as diversidades que se encontram e misturam no mundo global.

O Mundo das Mulheres é uma viagem explorativa do pensamento das mulheres parisienses do início dos anos 2000, conduzida por Alain Touraine, em conjunto com uma equipe de pesquisadores e pesquisadoras. O livro é o resultado de uma série de entrevistas com mulheres de diferentes idades e origens sociais, com especial atenção para o grupo de mulheres muçulmanas. O contexto é a investigação de uma sociedade em que a cultura, a educação, a informação e a comunica-

ção ultrapassaram progressivamente a produção de bens materiais, que na época anterior, a modernidade, eram centrais.

Touraine se situa com segurança na pós-modernidade em que a afirmação da autonomia pessoal é condição essencial que torna pensáveis e praticáveis todos os outros tipos de luta. Em todos os casos, ele opõe o sujeito, seus direitos e sua subjetividade às lógicas de dominação e de funcionamento da sociedade moderna. As mulheres se apresentam e falam por si mesmas: À pergunta “Quem é você?” “, as mulheres de hoje respondem sucessivamente: “eu sou mulher”, “eu me construo como mulher” e “eu o faço primeiro através da sexualidade”.

As mulheres expressam com clareza e orgulho a vontade de ser mulher. Declaram a intenção específica que coloca no centro da vida uma certa relação da mulher consigo mesma e a construção da sua imagem, simplesmente como mulher e não em relação ao homem e menos ainda em relação às funções sociais. A afirmação da subjetividade feminina “como ser de desejo e reconhecimento do outro como criação de sua própria liberdade” (p. 63), sem qualquer condicionamento e discriminação, não só torna a mulher arquiteta de seu próprio destino, como anula o modelo relacional dicotômico com o homem em prol de uma matriz relacional horizontal e igualitária, característica de uma sociedade democraticamente mais madura e livre. É o que Touraine lê, como sociólogo, nas narrativas das próprias mulheres e afirma com a expectativa de uma evolução positiva de um processo histórico de humanização.

A desconstrução da modernidade afirma que a mulher não vem depois do homem; não deriva do homem, mas, ao contrário, é ontologicamente independente dele. E esta é uma revolução, uma passagem para outra maneira de pensar. Por um lado, esta revolução cultural pós-moderna, sob a bandeira das mulheres, varre muitos conceitos e modelos machistas sobre os quais a sociedade moderna construiu suas fortunas. Por outro lado, faz emergir certos traços culturais de atenção à pessoa concretamente contextualizada, à sua relacionalidade, à sua relação íntima, que são sem dúvida traços da humanidade, em que o melhor aspecto do feminino é expresso.

A construção representativa da mulher é hoje um dos fatores mais importantes também na construção de novos quadros de referência, necessários para

marcar os comportamentos do tempo atual em uma sociedade de comunicação e globalização, sobretudo quando desejamos encará-los sob a perspectiva da cidadania ativa.

No mundo pós-industrial e pós-moderno, a presença ativa da mulher como sujeito vislumbra a elaboração de uma nova cultura, e o movimento de mulheres se configura mais como um movimento cultural e menos como um movimento social (p. 108), pois posiciona as mulheres além das barreiras ou muros levantados pela cultura moderna patriarcal, alvo dos movimentos feministas, e considera o sujeito mulher como promotor e protagonista de novas relações mulheres – homens, fundamento de uma nova sociedade democrática.

É essa a tese ousada e, portanto, polêmica de Touraine que parece abandonar a vertente política e orientar para a constituição de um feminismo de reconstrução cultural, um pós-feminismo que supere os conflitos e as polaridades da modernidade.

Essa tese não encontrou o favor de grupos feministas, que, longe da França, ainda estão envolvidos em lutas sociais de emancipação em muitos lugares do Planeta. A tese de Touraine diz respeito à globalização e ao fim do social como vivido nas sociedades atuais. Touraine argumenta que, em nosso mundo, o tecido organizado de papéis, instituições e relações que corresponde à “sociedade”, fundada em nível nacional, hoje é menor e está se esgarçando. Nas sociedades nacionais, a partilha de valores e orientações e também espaço de conflito e negociação entre diferentes grupos sociais não alcançam mais os objetivos. Em seu lugar, grandes agregados de indivíduos e grupos – muitas vezes isolados uns dos outros – são estabelecidos, influenciados e governados por poderes supranacionais distantes e inacessíveis. Isso torna impossível a formação de atores e movimentos sociais como temos visto na modernidade, “porque o triunfo do capitalismo extremo, que denominamos globaliza-

ção, destrói a ação própria da ordem social e substitui todas as formas de autoridade pelo mercado e pelo lucro” (p. 64).

Mas não podemos esquecer que “as mulheres não são uma categoria social defendendo seus interesses próprios, elas são, acima de tudo, as agentes de reconstrução de um mundo” (p. 129), e não há dúvida que a afirmação de uma nova cultura é um processo lento. A igualdade só pode ser fruto de uma conquista cultural quando se torna primeiro um valor e depois um direito a defender. A sexualidade, para além do erotismo, é integração entre a natureza e a cultura, inteiramente desejo e construção de si (p. 130).

A construção do “sujeito pessoal” ocorre em grandes domínios, mas também em esferas menos visíveis, incluindo a vida quotidiana e os conflitos internos dos indivíduos, por meio da resistência da pessoa e sua singularidade contra a produção em larga escala de produtos padronizados, o consumo massivo, o domínio dos meios de comunicação de massa e a invasão das redes sociais.

Os modelos culturais e sociais predominantes são difíceis de arranhar e superar. As relações entre homens e mulheres podem, inclusive, levar a episódios de violência, fruto do egoísmo autoritário masculino e de uma relação

de poder desigual entre os dois gêneros. A sociedade pós-moderna, na sua fase atual, tem dificuldade em desenvolver uma cultura capaz de aprender e enriquecer a diferença sexual (gênero) sem perder o humano que está nela. Prevalecem confusões e cruzamentos entre as duas polaridades, masculina e feminina, que originam a percepção de diversas identidades de gênero. A violência inevitavelmente questiona a construção da igualdade de gênero e interrompe o processo de amadurecimento de novos paradigmas culturais.

Enquanto se instala uma globalização econômica, conciliada com uma grande variedade de culturas, ergue-se uma barreira cada vez mais intransponível

As mulheres expressam com clareza e orgulho a vontade de ser mulher. Declaram a intenção específica que coloca no centro da vida uma certa relação da mulher consigo mesma e a construção da sua imagem, simplesmente como mulher e não em relação ao homem e menos ainda em relação às funções sociais.

entre os países que estão dispostos a questionar o estatuto tradicional das mulheres e aceitar a entrada destas na cena pública. Grandes potências espalham pelo mundo seu poderio econômico e militar, rejeitando o valor e a ideia de direitos humanos.

Na década de 1970, o movimento feminista realizou fortes ações de ruptura, inclusive com uma oposição frontal à Igreja Católica, vista como uma força conservadora. Nas últimas décadas, novos poderes totais visam levar o controle da vida das pessoas e das orientações culturais até o âmago dos indivíduos. Movimentos reacionários surgiram em nosso tempo e conservam as características de uma modernidade tardia, com o antigo apelo à ordem e à identidade, para se opor à emancipação dos sujeitos éticos. Pessoas públicas assumem a liderança de populações arrastando-as em túneis obscuros de um poder restaurador cego. O medo do futuro está levando as pessoas comuns a se afastarem das perspectivas anunciadas pela globalização. As forças políticas que expressam um novo populismo cavalgam os medos e ressentimentos generalizados.

Mas isso não diminui a capacidade única das sociedades democráticas pós-modernas de falar e agir em nome de direitos universais, nem das mulheres de apresentarem-se como sujeitos e atrizes e afirmar “seu direito a ter direito”, como refere Hannah Arendt em “As Origens do Totalitarismo”.

No livro “Depois da crise. Uma nova sociedade possível” (2013), Alain Touraine repropõe a dualidade da relação homem/mulher em bases históricas e sociológicas. No tempo dos feminicídios, e diante dos fenômenos regressivos em relação às conquistas feministas, ele julga e aposta em um movimento cultural das mulheres que se apresentam e falam por si mesmas, apesar de tudo. Pensamos assim as mulheres iranianas e ucranianas, as adolescentes afegãs às quais é concedido o acesso à instrução somente até a quarta série, ou aquelas conduzidas para a escravidão pelo Daesh e Boko Haram, e a todas as vítimas de feminicídio, sacrificadas por relações vividas como posse. Confirma a visão de Touraine a mulher iraniana que, no contexto de mobilização pela própria emancipação que inflama o Irã, tira o véu (*hijab*), encara o policial da moralidade e diz: “Sou uma mulher e não tenho medo de você!”; assim também a consciência das mulheres ucranianas que, na tragédia da guerra de ocupação russa, conseguem afirmar: “Sofremos fome e estu-
pros, arriscamos morrer, mas defendemos a liberdade e não somos vítimas”.

Definir a própria identidade consciente, declarar-se “mulher”, constitui uma verdade na qual se fundamenta qualquer outra afirmação. Atribuir-se o direito de ser mulher, simplesmente mulher, sem qualquer dicotomia, torna-se assim não só uma prova de liberdade, mas também um testemunho da capacidade de definir-se, comportar-se e ser ativa na construção de uma nova política e de uma nova cultura de relações humanas e ecológicas.

O desafio dos cidadãos ativos é antes a consciência da dignidade e dos valores por meio dos quais se pode contribuir para concretizar uma diferente construção de relações integralmente ecológicas, justas e solidárias, isto é, humanas, e romper com uma análise acima de tudo econômica, que se tornou inoperante a partir do momento que a globalização separou a economia dos outros setores de funcionamento da sociedade.

O sucesso do movimento de mulheres depende dessa consciência, da compreensão do que é ser mulher e ser homem, e de um processo de reeducação para estabelecer novas relações horizontais de dignidade e respeito. “É no domínio da educação que mais diretamente se decide a sorte do novo modelo cultural” (p. 133). Os obstáculos que surgem são desafios a serem superados, sobretudo graças às ações promovidas pelas próprias mulheres. Elas – acredita Alain Touraine – são as únicas que podem liderar esta grande revolução cultural, que vai além do patriarcalismo, graças à qual a dignidade de gênero pode garantir às mulheres e aos homens a mesma dignidade e o mesmo valor, em contextos diferentes que se formam na quotidianidade do encontro de indivíduos e culturas diversas em uma pós-modernidade, que, com extrema imagem, Marshall Mac Luhan definiria uma aldeia global.

Alain Touraine (Hermanville-sur-Mer, 1925 – Paris, 2023), teórico da sociedade pós-industrial, entre os maiores e mais influentes sociólogos contemporâneos, foi Diretor de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales.